

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS-CESP
CURSO DE SEGUNDA LICENCIATURA EM HISTÓRIA PARFOR-
AUTAZES/MANACAPURU

**Ata defesa do Trabalho de Conclusão do Curso de
Licenciatura em História do Centro de Estudos
Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do
Amazonas, realizado no dia 01 de agosto de 2026.**

Ao 01 dia do mês de agosto de 2026, nas dependências do SEBRAE AMAZONAS – Unidade Muni Lourenço Silva Júnior, localizado na Rua Ângelo Portugal S/N, no município de Autazes, realizou-se a defesa do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Parintins da discente **ELIEUZA GUIMARÃES SOARES**, com o tema: **A TRAJETÓRIA SÓCIO HISTÓRICA DA ALDEIA CUIA (1945–ATUALIDADE):** memória, identidade e resistência do povo Mura em Autazes, Amazonas. As apresentações cumprem uma exigência do Projeto Pedagógico do curso para obtenção do grau de Licenciada em História. O Presidente deu início à sessão e informou sobre os procedimentos do exame de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Depois da apresentação, palavra foi facultada a discente para apresentar uma síntese do seu estudo e em seguida, foi arguida pelos membros avaliadores. Após a apresentação e arguição pelos membros da Banca avaliadora, esta se reuniu e considerou a discente Aprovada. A sessão foi encerrada. Eu, Bruno Miranda Braga, secretariei e lavrei a presente Ata que vai assinada por mim e pelos demais membros da banca avaliadora.

Bruno Miranda Braga Nota (10,0)
Orientador Professor Dr. Bruno Miranda Braga

Luciane Rocha Paes Nota (10,0)
Avaliadora Professora Dra. Luciane Rocha Paes

Evelyn Marcelle Campos Ramos Nota (10,0)
Avaliadora Professora MSc. Evelyn Marcelle Campos Ramos

Média (10,0)

Elieuzza Guimarães Soares
Acadêmica: Elieuzza Guimarães Soares

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA – PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ELIEUZA GUIMARÃES SOARES

**A trajetória sócio histórica da Aldeia Cuia (1945–atualidade): memória, identidade
e resistência do povo Mura em Autazes, Amazonas**

AUTAZES - AM
2026

ELIEUZA GUIMARÃES SOARES

A trajetória sócio histórica da Aldeia Cuia (1945–atualidade): memória, identidade e resistência do povo Mura em Autazes, Amazonas

Trabalho de Conclusão de Curso em História apresentado a Universidade do Estado do Amazonas como requisito parcial para obtenção do título de licenciado(a) em História.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Miranda Braga

**AUTAZES - AM
2026**

ELIEUZA GUIMARÃES SOARES

A trajetória sócio histórica da Aldeia Cuia (1945–atualidade): memória, identidade e resistência do povo Mura em Autazes, Amazonas

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção do título de Licenciado em História e aprovado em sua forma final pela Banca Examinadora da Universidade do Estado do Amazonas

Aprovado em 01 de agosto de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bruno Miranda Braga Presidente/Orientador
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Profa. Dra. Luciane Rocha Paes - Membro
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Profa. MSc. Evelyn Marcelle Campos Ramos – Membro
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da UFAM - PPGH/UFAM

A trajetória sócio-histórica da Aldeia Cuia (1945–atualidade): memória, identidade e resistência do povo Mura em Autazes, Amazonas

Elieuzza Guimarães Soares¹
Bruno Miranda Braga²

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar a trajetória sócio-histórica do povo Mura, com foco específico na formação, organização territorial e transformações sociais da Aldeia Cuia, localizada no município de Autazes, Amazonas. A pesquisa parte de uma contextualização histórica mais ampla do povo Mura desde o período colonial, destacando processos de resistência, mobilidade territorial e reorganização social frente às intervenções do Estado. Em seguida, concentra-se na história da Aldeia Cuia, abordando sua formação a partir de 1945, o papel das famílias fundadoras, as mudanças na liderança tradicional, a homologação da Terra Indígena Cuia em 1991 e as transformações ambientais, econômicas e educacionais vivenciadas pela comunidade. A metodologia adotada baseia-se na análise de registros documentais, no Livro das Aldeias Indígenas Mura, em dados oficiais da Terra Indígena Cuia e em entrevistas realizadas em 2026 com moradores da aldeia, incluindo lideranças locais, professores e moradoras antigas. A pesquisa também discute a importância da documentação da memória coletiva como forma de preservação da identidade e fortalecimento cultural. Conclui-se que a trajetória da Aldeia Cuia revela um processo contínuo de permanência e mudança, no qual território, memória e educação desempenham papel central na afirmação histórica do povo Mura.

PALAVRAS-CHAVE: Povo Mura; Aldeia Cuia; Território; Memória; Educação Indígena.

ABSTRACT: This work aims to analyze the socio-historical trajectory of the Mura people, with a specific focus on the formation, territorial organization and social transformations of the Cuia Village, located in the municipality of Autazes, Amazonas. The research is based on a broader historical contextualization of the Mura people since the colonial period, highlighting processes of resistance, territorial mobility and social reorganization in the face of State interventions. It then focuses on the history of the Cuia Village, addressing its formation from 1945 onwards, the role of the founding families, the changes in traditional leadership, the homologation of the Cuia Indigenous Land in 1991 and the environmental, economic and educational transformations experienced by the community. The methodology adopted is based on the analysis of documentary records, the Mura Indigenous Villages Book, official data from the Cuia Indigenous Land, and interviews conducted in 2026 with residents of the village, including local leaders, teachers, and longtime residents. The research also discusses the importance of documenting collective memory as a way of preserving identity and cultural strengthening. It is concluded that the trajectory of the Cuia Village reveals a continuous process of permanence and change, in which territory, memory and education play a central role in the historical affirmation of the Mura people.

KEYWORDS: Mura people; Cuia Village; Territory; Memory; Indigenous Education.

Introdução

A história dos povos indígenas da Amazônia foi, durante muito tempo, narrada principalmente a partir de fontes coloniais e documentos oficiais que não contemplavam plenamente a perspectiva dos próprios povos originários. Para nós do povo Mura, essa

¹ Acadêmica de Licenciatura em História UEA/PARFOR - Indígena Mura, natural da Aldeia Cuia, onde reside atualmente e atua como professora.

² Orientador. Professor Doutor em História PUC-SP, professor colaborador do Curso de História, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA /PARFOR, e professor de História da Amazônia do departamento de História da UFAM.

realidade também se fez presente. Reconhecido historicamente por sua mobilidade territorial e resistência às investidas coloniais, Nós, do povo Mura, construímos uma trajetória marcada por conflitos, adaptações e permanências culturais que ainda hoje influenciam suas comunidades.

No município de Autazes, estado do Amazonas, diversas aldeias Mura mantêm viva essa herança histórica. Entre elas, destaca-se a Aldeia Cuia, cuja formação remonta à década de 1940 e cuja história está profundamente ligada à memória de seus moradores mais antigos, à organização tradicional das lideranças e à relação direta com o território. A homologação da Terra Indígena Cuia, em 29 de outubro de 1991, representou um marco jurídico importante, mas não esgota a complexidade histórica vivida pela comunidade.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar a história de resistência e as lutas territoriais do povo Mura na região de Autazes, com ênfase na formação e desenvolvimento da Aldeia Cuia. Busca-se compreender como se deu o processo de ocupação e defesa do território tradicional diante das pressões históricas de fazendeiros. Além disso, investiga-se as adaptações nas formas de existência e relação com o ambiente, considerando que a mobilidade fluvial característica do povo Mura foi transformada pela sedentarização forçada, mas manteve-se como elemento central de sua territorialidade. Por fim, pretende-se discutir o papel da escola na afirmação da identidade Mura e a importância da preservação da memória coletiva como instrumento de fortalecimento cultural e resistência histórica.

A pesquisa fundamenta-se em análise documental, registros do Livro das Aldeias Indígenas Mura, dados oficiais da Terra Indígena Cuia e entrevistas realizadas em 2026 com moradores da comunidade, incluindo o atual tuxaua, professores e moradores antigos. Ao articular fontes escritas e narrativas orais, o estudo procura valorizar a memória como elemento central para a compreensão da história local.

Além do interesse acadêmico, esta pesquisa possui uma dimensão pessoal e política, pois sou testemunha e partícipe das lutas do meu povo. Sou Elieuzza Guimarães Soares, indígena do povo Mura e integrante da Aldeia Cuia. Embora tenha nascido na comunidade de Janoacá e sido registrada no município do Careiro, é na Aldeia Cuia que estão minhas raízes, minha memória afetiva e minha identidade. Foi lá que vivi minha infância e onde se encontram minhas raízes familiares maternas. Após viver em outros municípios do Amazonas, retornei à comunidade há dezoito anos, fortalecendo meus vínculos com meu povo, minha cultura e minha identidade indígena. Foi na Aldeia Cuia que construí minha trajetória como professora e reafirmei meu compromisso com a

valorização da história, da memória e da cultura do povo Mura. Nesse sentido, esta pesquisa representa um esforço de registrar e preservar a história de minha própria comunidade, contribuindo para que as futuras gerações conheçam e valorizem suas origens.

Com isso, pretende-se contribuir para o reconhecimento da Aldeia Cuia como espaço histórico dinâmico, marcado por processos de resistência, adaptação e continuidade cultural, reafirmando o protagonismo do povo Mura na construção de sua própria história.

Trajetória sócio-histórica do Povo Mura: contexto histórico e formação social

O povo Mura é um dos povos indígenas tradicionais da região amazônica, com presença histórica no atual estado do Amazonas, especialmente nas áreas próximas aos rios Madeira, Amazonas e Purus (Nimuendajú, 1948). Os registros mais antigos sobre os Mura datam do século XVII, quando cronistas coloniais passaram a mencionar sua existência em relatos sobre a ocupação portuguesa na Amazônia. Esses registros indicam que os Mura possuíam ampla mobilidade territorial e profundo conhecimento dos rios, lagos e igarapés, elementos centrais para sua sobrevivência e organização social.

Tradicionalmente, os Mura viviam de forma integrada ao ambiente amazônico, desenvolvendo práticas de existências³ baseadas na pesca, na caça, na coleta e na agricultura. A relação com os rios sempre ocupou papel central em seu modo de vida, pois as águas garantiam alimento, deslocamento e comunicação entre diferentes grupos. Durante os períodos de cheia, utilizavam embarcações como espaços de moradia, enquanto nas épocas de vazante construíam habitações temporárias nas margens, demonstrando grande capacidade de adaptação às dinâmicas naturais da região.

O contato com colonizadores europeus e missionários alterou profundamente a trajetória histórica do povo Mura. Segundo Silva et al. (2008), durante o período colonial esse povo foi frequentemente retratado de maneira negativa pelas fontes oficiais, sendo descrito como resistente à catequização e à submissão ao domínio português. Essas interpretações contribuíram para a legitimação de ações violentas, expedições militares e tentativas de controle territorial, resultando em conflitos, deslocamentos forçados e

³ Aquilo que o mundo não indígena convencionou denominar “subsistência”, é entendido por nós indígenas como existência: o plantio, as práticas agrícolas, nossas culturas, e formas de ser, são práticas de existência.

perdas populacionais significativas.

A resistência dos Mura frente às investidas coloniais marcou sua história. Ao longo dos séculos XVIII e XIX, o povo Mura participou de conflitos regionais e manteve estratégias de enfrentamento e fuga como forma de preservar sua autonomia. Esse processo reforçou sua imagem de povo guerreiro e resistente, mas também intensificou a perseguição e o controle por parte das autoridades coloniais e, posteriormente, do Estado brasileiro.

No início do século XX, com a criação do Serviço de Proteção ao Índio e, mais tarde, da Fundação Nacional dos Povos Indígenas, ocorreram mudanças significativas na organização social dos Mura. O Estado passou a incentivar a fixação desse povo em aldeias delimitadas, reduzindo sua mobilidade tradicional e interferindo em seus modos de vida. Esse processo provocou transformações culturais, territoriais e linguísticas, incluindo o enfraquecimento da língua original e a adoção do português como principal meio de comunicação.

Nimuendajú (1948) destaca que as sociedades indígenas foram muitas vezes interpretadas de forma distorcida, pois as fontes coloniais ignoravam seus sistemas culturais, territoriais e sociais. Para o autor, é fundamental reconhecer esses povos como sujeitos históricos ativos, que desenvolveram estratégias próprias de resistência, adaptação e permanência diante das mudanças impostas pelo contato com a sociedade não indígena.

Nesse contexto, a trajetória do povo Mura pode ser entendida como um processo marcado por resistência, adaptação e continuidade cultural. Mesmo diante das transformações históricas, esse povo mantém práticas tradicionais, vínculos com o território e formas próprias de organização comunitária (Silva et al., 2008).

História da Aldeia Cuia: Formação histórica, território e modos de vida do povo Mura

A Aldeia Cuia foi se formando gradualmente a partir de 1945. No início havia poucas casas dispersas ao longo do igarapé e do paraná. O caminho de acesso era estreito e cercado por tiririca e macacarecua. A iluminação era feita por lamparinas e velas. A vida dependia da roça, da caça e da pesca.

Figura 1: Margem do Paraná da Cuia, cercada por vegetação característica da região.



Fonte: Acervo pessoal da autora 2026.

Os primeiros núcleos familiares foram fundamentais para a consolidação do lugar. Entre os nomes lembrados como fundadores estão Antônio Pereira de Araújo, conhecido como Antunico Borracha, Diogo Maia Guimarães, Carlos Alberto Iamuth, Maria Ferreira da Costa, José Arilton Pereira e Diodato Pereira de Araújo. Essas famílias deram início a uma comunidade que, com o tempo, passou a ser chamada de Aldeia Cuia (Silva, 2002).

A senhora Maria Olendina Maia de Souza, de 88 anos, entrevistada em 24 de janeiro de 2026, relembra que quando chegou ao local ainda não existia oficialmente uma aldeia organizada. Segundo ela, “não tinha aldeia, era só Cuia mesmo”, e eram poucas as famílias que moravam ali. Sua narrativa revela que o reconhecimento como aldeia ocorreu de maneira gradual, a partir do crescimento das famílias e da consolidação das relações de parentesco. A memória da entrevistada demonstra que a aldeia não nasceu de um ato formal, mas de um processo histórico vivido no cotidiano.

Outra moradora e colaboradora da pesquisa, Cirlece Araújo Lima, de 62 anos, entrevistada em 25 de janeiro de 2026 na Aldeia Cuia, reforça essa perspectiva ao afirmar que “a gente vivia aqui só de roça, trabalhando para os outros; nosso alimento vinha do mato e do rio”. Sua fala evidencia um período marcado por dificuldades materiais, mas também por forte dependência da terra e do rio. O plantio, a pesca e a caça não eram apenas atividades econômicas, mas práticas estruturantes da vida social.

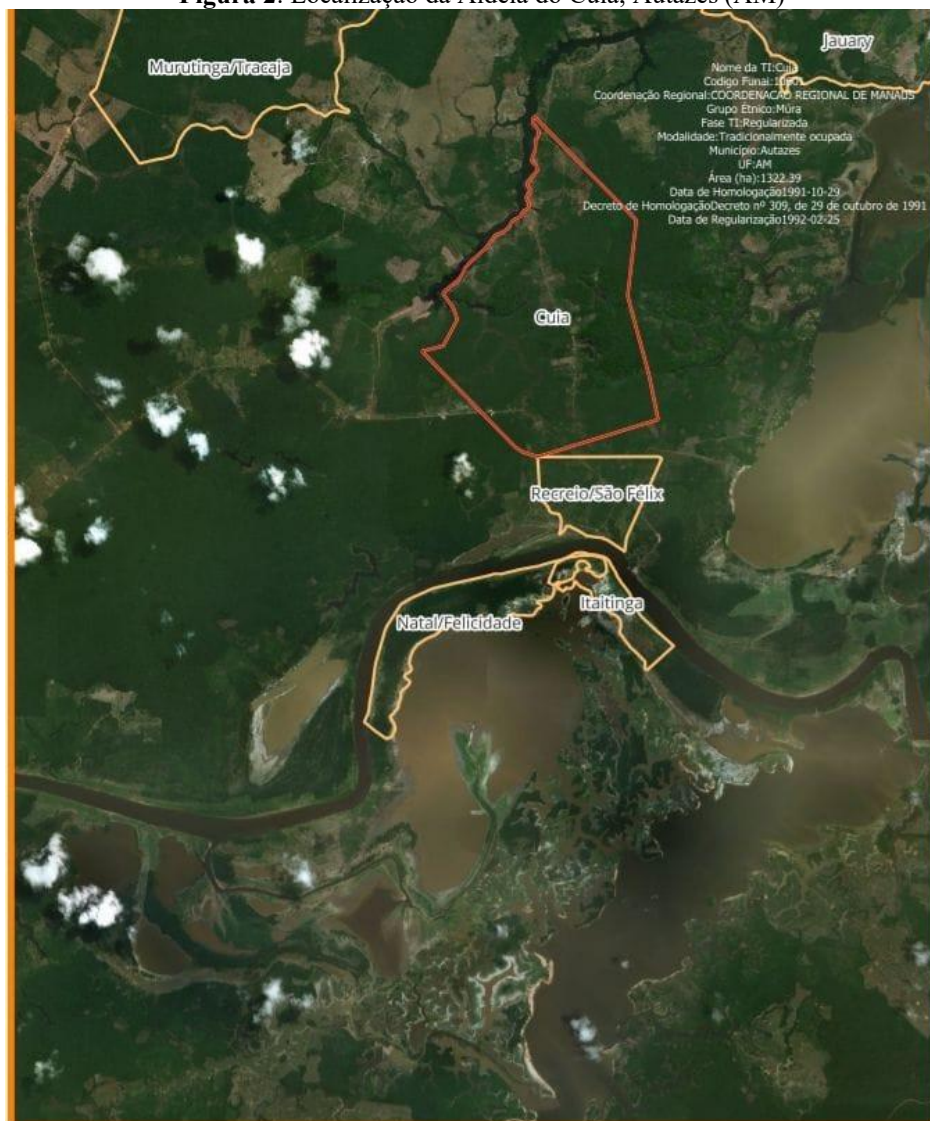
A organização social da aldeia, no início, era marcada pela figura do capitão, cargo que posteriormente passou a ser denominado Tuxaua. O senhor José Roberto Maia Yamuth, de 47 anos, atual tuxaua da Aldeia Cuia, explica que:

Meu avô, Antônio Pereira de Araújo, foi o primeiro capitão reconhecido. Segundo ele, naquela época não havia votação. A liderança era indicada pelo chefe da FUNAI. Meu avô conhecia os limites da terra e, por isso, foi nomeado para comandar o território. (Entrevista, 2026).

Essa fala evidencia a relação histórica entre liderança tradicional e órgãos indigenistas do Estado. Ainda segundo o Tuxaua entrevistado, a homologação da Terra Indígena Cuia foi oficializada pelo Decreto nº 309, de 29 de outubro de 1991, e representou um marco importante para a comunidade. Conforme relata José Roberto Maia Yamuth, a história desse reconhecimento territorial vem de antes da homologação, passando pelo antigo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e, mais tarde, pela atuação da FUNAI até a regularização definitiva da terra indígena. Ele afirma que antes da demarcação havia conflitos com fazendeiros que impediam a caça e a pesca. Após a regularização, a comunidade passou a ter maior segurança sobre seus limites territoriais. Essa informação confirma os registros documentais da Terra Indígena Cuia e demonstra como o reconhecimento jurídico fortaleceu a autonomia local.

A localização da aldeia é na margem direita do Paraná do Cuia. Trata-se de um paraná de águas pretas, mas suas margens apresentam águas transparentes e limpas. Historicamente o rio foi o eixo estrutural da aldeia. As pessoas tomavam banho no paraná. Lavavam roupa ali. Retiravam água para beber e cozinhar. O rio também foi via de transporte por rabeta e embarcações maiores. Hoje a aldeia integra a Terra Indígena Cuia, situada no município de Autazes, CEP 69240-000. A aldeia faz limite com as comunidades Gapenu e São Félix. Essa localização favoreceu trocas familiares e fortalecimento regional entre grupos Mura.

Figura 2: Localização da Aldeia do Cuia, Autazes (AM)



Fonte: Elaborada pela autora a partir de imagem de satélite, 2026.

Atualmente, a Aldeia Cuia apresenta uma configuração territorial distinta daquela registrada em seus períodos iniciais. As moradias encontram-se mais concentradas, o acesso à cidade foi facilitado pela abertura do ramal e novas dinâmicas sociais passaram a coexistir com as práticas tradicionais. Apesar dessas transformações, a terra, o rio e a floresta permanecem como elementos fundamentais para a identidade do povo Mura da aldeia, representando não apenas meios de subsistência, mas também símbolos de pertencimento, memória e continuidade histórica.

Figura 3: Visão Panorâmica da Aldeia Cuia

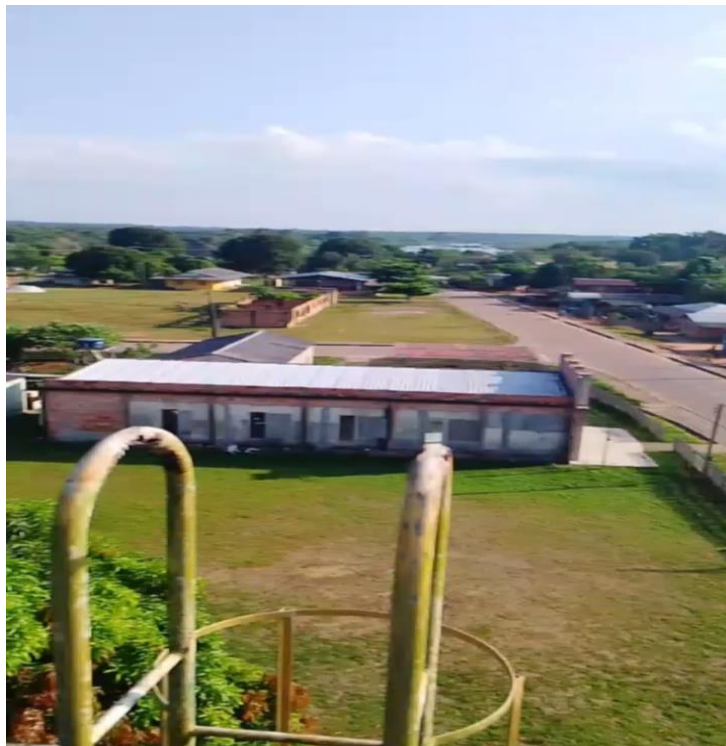


Fonte: BDC NOTÍCIAS, 2023

A professora Fernanda Lima de Oliveira, de 36 anos, entrevistada em 2026, afirma que a aldeia foi fundada em 1945 e recorda que o acesso era difícil e cercado por vegetação densa. Ela destaca que no passado as casas eram cobertas de palha e a união comunitária era forte. Em sua fala aparece também a preocupação com as mudanças recentes. Segundo ela, a chegada da energia elétrica, da tecnologia e dos produtos industrializados trouxe melhorias, mas também modificou costumes. Essa reflexão demonstra que a trajetória da aldeia envolve transformações constantes, nem sempre lineares.

A paisagem ambiental sofreu alterações ao longo do tempo. Onde antes havia igapós próximos e vegetação abundante, hoje existem áreas desmatadas e pastagens na margem oposta do paraná. Moradores relatam que a abertura de áreas para transporte de gado contribuiu para a redução dos igapós. Essa mudança impactou diretamente a pesca e a caça próximas à aldeia, exigindo deslocamentos maiores para garantir alimento.

Figura 4: Vista parcial da Aldeia Cuia a partir da caixa d'água da comunidade.



Fonte: Nivaldo Ferreira Guimarães, 2026.

No campo da educação, a escola Coronel Rondon representa um marco na história local. Inicialmente construída em madeira, passou por melhorias ao longo dos anos. O senhor José Roberto Maia Yamuth recorda que, em sua infância, não havia escola na aldeia e os alunos precisavam estudar em área branca, deslocando-se com dificuldade. Ele afirma que “não tinha essa facilidade que tem hoje”, destacando que o transporte era precário e que os estudantes enfrentavam desafios para manter seus materiais escolares.

O professor Jerson dos Santos Ferreira, entrevistado em 2026, reforça que a escola indígena deve dialogar com a realidade cultural do povo Mura. Sua fala converge com o que defende Gersem Baniwa ao afirmar que “a escola indígena precisa ser pensada a partir do projeto de futuro de cada povo” (Baniwa, 2012, p. 45). Também dialoga com Daniel Munduruku, que sustenta que “a educação indígena só faz sentido quando fortalece a identidade e a memória coletiva” (Munduruku, 2009, p. 73). Essas reflexões teóricas ajudam a compreender o papel da escola na trajetória sócio-histórica da Aldeia Cuia, não apenas como espaço de ensino formal, mas como instrumento de fortalecimento cultural.

A economia tradicional sempre esteve ligada ao plantio da mandioca, utilizada para produzir farinha, beiju, goma e outros derivados. A casa de farinha era espaço de trabalho coletivo e convivência. A pesca, com espécies como jaraqui, tambaqui e tucunaré, complementava a alimentação. A caça incluía paca, tatu e queixada. Essas práticas estruturaram a vida social por décadas. Com o tempo, mudanças ambientais e maior contato com a cidade alteraram parte dessas dinâmicas, mas o vínculo com a terra e o rio permanece central.

Em relação ao cuidado com a saúde, os moradores da Aldeia realizam práticas de curandeirismo, benzimento, produção de chás, xarope, banhos, garrafadas, e em casos mais graves, se deslocam até a cidade de Autazes, mas ainda mantêm as práticas tradicionais com uso de recursos da natureza. A esse respeito Reis (2016) salienta que os indígenas Mura realizam práticas de autocuidado, com forte relação com a natureza.

A trajetória da Aldeia Cuia é marcada por continuidade e mudança. Permanecem o território, a memória dos mais velhos e a identidade Mura. Transformaram-se as formas de moradia, a infraestrutura, a presença do Estado e o acesso à tecnologia. Ao integrar memória oral, registros do Livro das Aldeias Indígenas Mura (Silva et al., 2008) e depoimentos atuais, evidencia-se que a história da Aldeia Cuia não é parada. Ela é construída diariamente pelos seus moradores.

Memória, Identidade e Documentação: A importância de registrar a história da Aldeia Indígena Cuia

Documentar a história da Aldeia Indígena Cuia não é apenas organizar fatos do passado. É um ato de preservação cultural, fortalecimento identitário e afirmação territorial. Ao longo desta pesquisa ficou evidente que grande parte da trajetória da comunidade está guardada na memória dos mais velhos. São relatos transmitidos oralmente, muitas vezes em conversas informais, que não estavam registrados por escrito, como, por exemplo, os relatos de Maria Olendina Maia de Souza, de 88 anos, a qual narra que “quando cheguei aqui não tinha aldeia, era só Cuia mesmo” (Entrevista, 2026).

Esse relato revela como a memória individual guarda informações fundamentais sobre a formação do lugar. Se essa fala não fosse registrada, poderia se perder com o tempo. O mesmo ocorre com os relatos do senhor José Roberto Maia Yamuth, tuxaua da aldeia, que detalha o processo de nomeação de lideranças no tempo em que o cargo era chamado de capitão e indicado pela FUNAI. Esses elementos ajudam a compreender a

organização política interna e as mudanças ao longo das décadas.

A história oral é uma das principais fontes de conhecimento em comunidades indígenas. Paul Ricoeur afirma que a memória está sempre ligada à experiência vivida e que o esquecimento é uma ameaça constante quando não há registro (Ricoeur, 2007). Nesse sentido, registrar as entrevistas não significa substituir a oralidade, mas protegê-la contra o apagamento. Ao transformar a fala em texto acadêmico, cria-se uma ponte entre gerações.

Michael Pollak (1989) destaca que a memória coletiva é elemento fundamental para a construção da identidade social, pois permite que um grupo reconheça sua própria trajetória e se diferencie de outros. No caso da Aldeia Cuia, a documentação das histórias locais fortalece a identidade Mura ao reafirmar vínculos com o território, com os fundadores e com as práticas tradicionais.

Essa relação de memória e identidade também aparece nas reflexões da pesquisadora indígena Márcia Mura. Ao tratar do processo de recuperação da história de seu povo, a autora destaca a necessidade de "puxar esses fios de memória ancestral" (MURA, 2025, p. 12). Essa expressão evidencia a memória como um patrimônio construído coletivamente e passado entre gerações. Em sua perspectiva, as falas dos mais velhos, os vínculos familiares, os saberes tradicionais e a relação com o território formam uma rede de conhecimentos que permite aos povos indígenas compreenderem sua própria trajetória histórica. Essa compreensão reforça a importância de registrar as histórias da Aldeia Cuia, uma vez que muitas das experiências vividas pela comunidade permanecem guardadas na fala e na lembrança daqueles que vivenciaram as transformações da aldeia ao longo do tempo. Ao serem documentadas, essas memórias deixam de estar restritas ao âmbito familiar e passam a contribuir para a preservação da história coletiva do nosso povo Mura.

A própria fala do tuxaua demonstra preocupação com a perda de práticas antigas, como o ajuri tradicional e algumas formas de cooperação comunitária. Quando essas experiências deixam de ser praticadas e não são registradas, tornam-se lembranças fragmentadas. A escrita, nesse contexto, funciona como instrumento de preservação cultural.

A documentação também possui dimensão política. A homologação da Terra Indígena Cuia, em 29 de outubro de 1991, garantiu reconhecimento jurídico ao território. Contudo, o decreto oficial não registra as memórias de conflito, as dificuldades enfrentadas antes da demarcação ou as experiências vividas pelas famílias. São as

entrevistas que revelam esses aspectos. Assim, o registro acadêmico amplia e humaniza o documento institucional.

Outro ponto central é a relação entre memória e educação. A escola indígena desempenha papel estratégico na transmissão da história local. Quando os estudantes conhecem os nomes dos fundadores, compreendem o significado do paraná de águas pretas e margens claras, e entendem o processo de demarcação, passam a se reconhecer como sujeitos históricos. A educação deixa de ser apenas conteúdo externo e passa a dialogar com a realidade da comunidade.

A modernização trouxe avanços importantes, como energia elétrica, ramal asfaltado e maior acesso a serviços públicos. Porém, também alterou formas tradicionais de convivência. O tuxaua observa que hoje muitos jovens passam mais tempo na internet do que ouvindo as histórias dos mais velhos. Esse cenário reforça a necessidade de registrar a memória enquanto ela ainda pode ser contada diretamente por quem viveu os acontecimentos.

Registrar a história da Aldeia Cuia é também um gesto de responsabilidade com as futuras gerações. A escrita acadêmica não substitui a oralidade, mas dialoga com ela. Ao reunir entrevistas, documentos oficiais e referências teóricas, esta pesquisa contribui para que a memória local não se dissolva com o tempo.

Assim, a documentação da trajetória sócio-histórica da Aldeia Cuia cumpre dupla função. Preserva a memória coletiva e fortalece a identidade do povo Mura. Ao transformar lembranças em registro sistematizado, garante-se que a história da comunidade continue viva, ensinada na escola, discutida entre as famílias e reconhecida além dos limites do território.

Considerações Finais

A trajetória sócio-histórica do povo Mura, analisada a partir da Aldeia Cuia, revela um processo construído ao longo do tempo por meio da experiência cotidiana, da relação com o território e da memória coletiva. A formação da aldeia, iniciada na década de 1945, ocorreu de maneira gradual, com a consolidação das primeiras famílias e a organização interna baseada na figura do capitão, posteriormente denominada Tuxaua. Esse processo não surgiu de um ato formal isolado, mas de vivências compartilhadas, de laços de parentesco e da permanência no território.

Ao ouvir a memória dos velhos, o estudo evidenciou diversas questões fundamentais para a história da Aldeia do Povo Mura, ressaltando as dificuldades

enfrentadas quando a sobrevivência dependia diretamente do plantio, da pesca e da caça, e esclarecendo aspectos da organização política, com ênfase na homologação da Terra Indígena Cuia, em 29 de outubro de 1991, como marco de segurança territorial. Destacamos por fim as transformações sociais provocadas pela modernização e a necessidade de preservar a cultura local por meio da educação.

As transformações ocorridas ao longo das décadas trouxeram melhorias na infraestrutura, no acesso à escola, à energia elétrica e aos serviços públicos. Ao mesmo tempo, alteraram formas tradicionais de convivência e cooperação, como o ajuri. Mesmo diante dessas mudanças, permanecem práticas culturais, o cultivo da mandioca para produção de farinha e derivados, o uso do rio como referência de vida e o esforço da escola em fortalecer a identidade Mura.

A Aldeia Cuia expressa, portanto, a continuidade histórica do povo Mura em meio a processos de mudança, resistência e adaptação. Sua trajetória demonstra que identidade, território e memória permanecem interligados. Valorizar e documentar essa história significa fortalecer o presente da comunidade e assegurar que as futuras gerações conheçam suas origens, compreendam suas transformações e mantenham vivo o pertencimento ao seu território.

Fontes Orais (Entrevistas)

Entrevista com o professor de Língua Portuguesa e pesquisador Jerson dos Santos Ferreira, colaborador do livro *Aldeias Indígenas Mura*, realizada por Jerson Júnior Laranjeira Ferreira, no município de Autazes – AM, em 03 de fevereiro de 2026.

Entrevista com a senhora Maria Olendina Maia de Souza, 88 anos, realizada por Elieuzza Guimarães Soares, na Aldeia Cuia, município de Autazes – AM, em 24 de janeiro de 2026.

Entrevista com a senhora Cirlere Araújo Lima, 62 anos, realizada por Elieuzza Guimarães Soares, na Aldeia Cuia, município de Autazes – AM, em 25 de janeiro de 2026.

Entrevista com o senhor José Roberto Maia Yamuth, 47 anos, tuxaua da Aldeia Cuia, realizada por Elieuzza Guimarães Soares, na Aldeia Cuia, município de Autazes, AM, em 10 de fevereiro de 2026.

Fontes Documentais

OLIVEIRA, Fernanda Lima de. Carta sobre a história da Aldeia Cuia. Documento manuscrito entregue para a pesquisa. Aldeia Cuia, Autazes – AM, em 03 de fevereiro 2026.

Referências

BANIWA, Gersem José dos Santos Luciano. Educação escolar indígena no século XXI: desafios e perspectivas. Manaus: EDUA, 2012.

BDC NOTÍCIAS. Visão panorâmica da Aldeia Cuia. 2023. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/14UGUgbuqX7/?mibextid=wwXIf>. Acesso em: fev. 2026.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Decreto nº 309, de 29 de outubro de 1991. Homologa a demarcação administrativa da Terra Indígena Cuia, no Estado do Amazonas. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 30 out. 1991.

ETNOMUSEU DIGITAL. Mura: povos indígenas da Amazônia. Disponível em: <https://www.etnomuseudigital.com.br/povo/mura/>. Acesso em: fev. 2026.

FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS (FUNAI). Terra Indígena Cuia. Disponível em: <https://www.gov.br/funai>. Acesso em: 10 fev. 2026.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povo Mura. Disponível em: <https://piib.socioambiental.org/pt/Povo:Mura>. Acesso em: fev. 2026.

MUNDURUKU, Daniel. Educação indígena: do corpo, da memória e do território. São Paulo: Global, 2009.

MURA, Márcia. Caminho das águas: recuperando memórias Mura no Rio Madeira. Organon, Porto Alegre, v. 40, n. 79, set. 2024/mar. 2025. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/download/144790/95022/650780>. Acesso em: 25 jul. 2026.

NIMUENDAJÚ, Curt. Os índios Mura e seus territórios. Revista do Museu Paulista, São Paulo, v. 14, p. 1-120, 1948.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 200-212, 1989.

REIS, Deyvylan Araújo. As práticas de autocuidado e o cuidado familiar dos índios Mura de Autazes, Amazonas. 2016. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SILVA, Aglair Gomes da et al. Aldeias indígenas Mura. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2008. 410 p. ISBN 978-85-7401-368-8.